



EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA E DO EMPREGO FORMAL INDUSTRIAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE NATAL – 1998/2008

EVOLUTION OF INDUSTRY AND OF FORMAL INDUSTRIAL EMPLOYMENT IN THE METROPOLITAN REGION OF NATAL - 1998/2008

EVOLUCIÓN DE INDUSTRIA Y EMPLEO EN REGIÓN METROPOLITANA INDUSTRIAL FORMAL DE NATAL - 1998/2008

Luís Abel da Silva Filho

Professor do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri – URCA
Bolsista Assistente de Pesquisa III do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA
Doutorando em Economia – Desenvolvimento Econômico pelo Instituto de Economia da
Universidade Estadual de Campinas – IE-UNICAMP

Email: abeleconomia@hotmail.com

Resumo: As políticas macroeconômicas mundiais do final do século XX provocaram impactos significativamente elevados em países desenvolvidos e em desenvolvimento. A reestruturação produtiva repercutiu acentuadamente no mundo do trabalho, sobretudo em setores de atividades/trabalho intensivo. O objetivo deste artigo é fazer uma análise da dinâmica industrial e do emprego formal na indústria na Região Metropolitana de Natal (RMN) no período de 1998/2008. Os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), mostram que houve aumento no número de indústrias na RMN, com taxa de crescimento de 59,36% no período, e também mostram que 15,09% dos empregos formais da RMN estavam na indústria. Contudo, um setor tradicional, o têxtil, respondia por mais de 50% da mão de obra, sendo que 52,08% dos trabalhadores formais da Grande Natal estavam na grande indústria no ano de 2008. Acrescente-se que predomina a mão de obra masculina, e a faixa etária predominante está entre 30 e 39 anos. Também foi registrada melhora no nível de escolaridade, o que não garantiu redução na rotatividade, nem melhorias salariais, uma vez que 79,54% dos trabalhadores formais da indústria na Grande Natal ganhavam até 2 Salários Mínimos em 2008.

Palavras-Chave: Emprego Formal; Indústria; RMN.

Abstract: Global macroeconomic policies of the late twentieth century led to significantly higher impacts in developed and developing countries. The productive restructuring sharply reflected in the labor market, especially in sectors of activities / labor intensive. The aim of this paper is to analyze the industrial dynamics and the formal industrial employment in the Metropolitan Region of Natal (NMR) in the period of 1998/2008. Data from the Annual Report of Social Information (RAIS), from the Ministry of Labor and Employment (MTE), showed a significant increase in the number of industries in NMR, with a growth rate of 59.36% in the period, and also showed that 15.09% of formal jobs in NMR were in the industry. However, a traditional sector, textiles, accounted for over 50% of the workforce, whereas 52.08% of formal workers in Natal were in large industry in 2008. It should be added that the male labor is predominant, and the prevalent age group is between 30 and 39 years. It was also registered an education level improvement, which did not guarantee a reduction in turnover or wage improvements, since 79.54% of the industry's formal workers in Natal earned up to 2 minimum wages in 2008.

Keywords: Formal Employment; Industry; NMR.

Resumen: Políticas macroeconómicas mundiales de finales del siglo XX causaron impactos significativamente mayores en los países desarrollados y en desarrollo. La reestructuración productiva se refleja fuertemente en el mundo del trabajo, especialmente en los sectores intensivos en actividades / trabajo. El propósito de este artículo es analizar la dinámica industrial y el empleo formal en la industria en la Región Metropolitana de Natal (RMN) en el periodo 1998/2008. Los datos del Informe Anual de Informaciones Sociales (RAIS), del Ministerio de Trabajo y Empleo (MTE), mostraron un incremento significativo en el número de industrias en la RMN, con una tasa de crecimiento del 59,36% en el periodo, y también muestran que 15.09% de RMN empleo formal se encontraban en el sector. Sin embargo, una industria tradicional, textiles, representó más del 50% de la plantilla, con 52,08% de los trabajadores formales en Natal estaban en la gran industria en 2008. Agregaría que la mano de obra predominante grupo de edad de sexo masculino, y la predominante es entre 30 y 39 años. También se informó de la mejora en el nivel de educación, lo que no garantiza una reducción en el volumen de negocios o de mejoras salariales, ya que 79,54% de los trabajadores formales en la industria de Gran RMN ganaba hasta 2 salarios mínimos en 2008.

Palabras Clave: Empleo Formal e Industria; RMN.

1. INTRODUÇÃO

O processo de reestruturação pelo qual passam as atividades produtivas brasileiras, seguido da (re)localização espacial das plantas industriais com propósitos de reduzir custos de produção, tem forte impacto no mercado de trabalho. Se em regiões localizadas a consideráveis distâncias dos maiores centros econômicos a oferta de empregos nos setores industriais já ocorria em menor quantidade, nos grandes centros foi ela ainda mais notável. A dinâmica do emprego formal absorveu todos os impactos da pós-abertura econômica e, certamente, um novo perfil de trabalhador surgiu ao longo dos anos de 1990.

Nos grandes centros urbanos, as estruturas econômicas e sociais, bem como as relações de trabalho, foram acentuadamente afetadas. A oferta de mão de obra apresentou-se superior à demanda. Nesse caso, o processo de acumulação flexível proporcionou requisitos para que grande parte das atividades intensivas em força de trabalho, principalmente nos grandes centros nordestinos, contribuísse para a reprodução do capitalismo industrial. Além disso, a quantidade de oferta de trabalho superior à demanda, nos anos de 1990, nessa região, provocou redução acentuada do salário no produto da economia. Destaquem-se ainda os ganhos de escala que as indústrias com tecnologias avançadas auferiam no processo produtivo.

Assim é que, além dos problemas de ordem social enfrentados nos grandes centros urbanos, as relações de trabalho também trouxeram sérias consequências para o trabalhador. No caso do Nordeste, onde as organizações sindicais com poder de barganha são quase ausentes, os problemas no mercado de trabalho são muito mais intensos. Acrescente-se que as diferenças de salários para a

mão de obra nordestina, em relação à do Sudeste são bastante consideráveis, visto que aquela região tem um percentual de rendimentos inferior ao desta, apesar de ambas atuarem no mesmo segmento (ARRAES et al., 2008).

Assim, esta pesquisa procura mostrar a dinâmica industrial da Região Metropolitana de Natal – RMN, destacando as condições dos trabalhadores da indústria. Investiga-se se o emprego formal industrial na Grande Natal tem absorvido os impactos da reestruturação produtiva e da desestruturação do mercado de trabalho, vivenciados pela economia brasileira no final do século XX e início do século XXI.

Foram analisados dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS –, do Ministério do Trabalho e do Emprego – MTE –, levando-se em consideração diferentes variáveis, tais como: número de estabelecimentos industriais, tamanho de estabelecimentos, subsetores, assim como nível de escolaridade, rotatividade da mão de obra, faixa de remuneração etc.

O artigo está assim estruturado: introdução; abordagem da dinâmica do emprego formal nos anos de 1990; considerações sobre a dinâmica econômica na Grande Natal; apreciação da área da pesquisa e de alguns procedimentos metodológicos utilizados; perfil do trabalhador industrial da RMN; e, por último, algumas considerações finais.

2. DINÂMICA ECONÔMICA E EMPREGO FORMAL

O processo de transformação pelo qual passaram as economias capitalistas no final do século XX e início do século XXI tem provocado profundas desestruturações no mercado de trabalho, lideradas pelas altas taxas de crescimento do desemprego aberto e pelo aumento elevado da rotatividade e insegurança no emprego formal. Dessa forma, tem-se um novo perfil do trabalhador em cada um dos setores da atividade econômica, fenômeno alavancado, principalmente, por um aumento do percentual daqueles mal remunerados em suas atividades (POCHMAN, 1999; NEVES & PEDROSA, 2007; SILVA FILHO et al., 2009).

Segundo Jatobá e Andrade (1993), para os defensores da desregulamentação, a forma como estão estruturadas as organizações que regulamentam o mercado de trabalho está contribuindo para o agravamento do desajuste estrutural. As empresas não têm como ajustar a produção à demanda de mercado com as exigências e a forma burocrática de contratação e demissão de mão de obra na economia. A falta de ações entre empregado e empregador, seguida da presença do Estado, compromete seriamente o mercado de trabalho e contribui, certamente, para o aumento do desemprego.



Para aqueles que consideram que a flexibilização tem tornado vulnerável o emprego na economia, a ausência de instituições ou a perda do poder destas de barganhar o que concerne às relações de trabalho podem provocar sérias consequências no mundo do trabalho. A classe trabalhadora, na qual se encontra o contingente mais vulnerável a essas mudanças, é ainda mais afetada. Em muitos casos, ela é, de fato, a parte da mão de obra que ocupa os piores postos de trabalho, para os quais existe excesso de demanda, o que ocasiona, certamente, maiores possibilidades de substituição e redução salarial.

O que ocorreu no mercado de trabalho, no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, foi, de fato, o seguinte: mesmo com a proteção social e as normas existentes na Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, o trabalhador brasileiro teve que viver com a insegurança em seus empregos. Somando a isso, houve contração das melhorias em seus postos de trabalho, seguida do aumento considerável do desemprego aberto. E, como afirma Pochmann (1999), os novos postos de trabalho revelaram-se acentuadamente mais precários, agravados pelo aumento da produtividade do trabalho e da redução do salário real médio.

O processo de reestruturação produtiva que ocorreu na economia brasileira provocou efeitos perversos no mercado de trabalho. A intensificação de jornadas de trabalho, mediante o pagamento de hora extra, seguido do ajuste à demanda, reduziu seriamente as ocupações formais, cedendo espaço ao contrato temporário, ou em tempo parcial, ou, ainda, à subcontratação de trabalhadores. Assim, justifica-se a perda de barganha das instituições formais, causada pela ausência do Estado na regulamentação das relações trabalhistas e pela perda de atuação da força sindical (SANTOS & MOREIRA, 2006; DEDECCA, 2003; ANTUNES, 2005).

Conforme Neves & Pedrosa (2007), a reestruturação produtiva foi, de fato, responsável pelo novo perfil criado para as relações de trabalho. Foi visível o crescimento da flexibilidade e o surgimento de novas formas de ocupação de postos de trabalho, anteriormente ocupados por trabalhadores formais assistidos pelas leis do trabalho, e, hoje, desprotegidos da legislação trabalhista e entregues ao livre jogo do contratador e contratado. O capitalismo ganha, pois, força e se propaga livremente na obtenção de mão de obra, já que o processo de contratação e demissões não lhe impõe nenhum custo econômico.

Dedecca (2009) acrescenta que o processo de reorganização produtiva, sobretudo pautado no rompimento das fronteiras entre países e na busca por condições de reprodução do sistema capitalista, provocou reconfigurações acentuadas nas relações de trabalho no Brasil. Assim é que as mudanças ocorridas com a globalização econômica e com a articulação dos mercados produtores reduziram significativamente o poder de controle do Estado sobre as relações de trabalho e

reformularam o espaço de reprodução das atividades econômicas. Também lembrado por Neves & Pedrosa (2007), o local de trabalho deixou de ser somente a indústria e passou a ganhar espaço dentro dos próprios lares.

Nesse contexto, as atividades produtivas ganharam novos ambientes onde, em muitos casos, se confundem espaço - lazer e espaço - trabalho. O emprego formal acaba por apresentar novo perfil, e o trabalho, formal ou informal, tem se reproduzido a partir de um novo modelo imposto pelo mercado. Embora nosso objeto de estudo seja, tão somente, o primeiro tipo de emprego, cabe aqui mencionar que está presente a precarização mesmo do emprego formal na Região Metropolitana de Natal.

3. DINÂMICA ECONÔMICA DA REGIÃO METROPOLITANA DE NATAL

A RMN, com mais de uma década de criação (1997), conta, em seu contexto histórico, com acontecimentos que influenciaram fortemente o seu desenvolvimento como área metropolitana. Segundo Clementino et al. (2009), a utilização da capital como posição geograficamente estratégica, na segunda guerra mundial, e a dinamização econômica impulsionada pela cultura algodoeira no Estado funcionaram como fatores significativamente importantes no seu processo de urbanização e desenvolvimento econômico.

Desde os anos de 1970, a dinâmica econômica da RMN tem se apresentado diferenciada no que concerne à sua segmentação. A indústria têxtil, fortemente dinamizadora da economia, bem como as atividades ligadas à indústria química, certamente ramificações de sua indústria petrolífera, concomitantemente às aplicações do Governo Federal em atividades voltadas a pesquisas em desenvolvimento tecnológico, têm contribuído progressivamente para a estruturação econômica dessa RM (CLEMENTINO et al., 2009).

Verifica-se, no processo de desenvolvimento da economia brasileira, forte tendência concentradora das atividades econômicas no Sudeste. A formação de aglomerações produtivas ocorre nas áreas mais urbanizadas. E, dessa forma, tal tendência prolifera-se por todo o território, principalmente em economias em desenvolvimento. Segundo Clementino & Pessoa (2009, p. 77),

na sociedade global, o crescimento e a riqueza estão cada vez mais concentrados em um número limitado de metrópoles e as questões sociais se acumulam, principalmente em áreas metropolitanas dos países de industrialização tardia, como o Brasil, onde a dinâmica econômica é instável e a capacidade produtiva, extremamente variável.

Percebe-se, no entanto, uma forte tendência de crescimento concentrado no país. Destaca-se também que, dentro do próprio contexto metropolitano, há uma forte propensão a aglomerações produtivas na unidade central da metrópole.



Observa-se na RMN a mesma tendência da dinâmica observada nos centros econômicos do país e as características apresentadas na citação acima de Clementino e Pessoa. No contexto potiguar, desenvolvem-se estratégias semelhantes de aglomeração de atividades produtivas na Grande Natal. Proximidade dos centros distribuidores, melhor infraestrutura, facilidade de segmentação de atividades, construção de elos entre as cadeias produtivas são fatores determinantes de localização, além de melhor nível de qualificação da mão de obra.

No Rio Grande do Norte, dentre os segmentos industriais, o da indústria têxtil tem sido importante atividade produtiva estadual desde a segunda metade do século XX. Ela e a de confecções têm sido responsáveis por grande quantidade dos empregos gerados em todo o Estado.

Faz-se também necessária a menção da representatividade da indústria tradicional (têxtil e confecções) na RMN, principalmente do ponto de vista de sua oferta de empregos. Os estados relativos a 1980 apontam que a indústria têxtil de confecções de roupas e agasalho do vestuário masculino detinha, no Rio Grande do Norte, 8,03% da produção brasileira e a de fiação, tecelagem e fiação 11,09%, estando fortemente concentrada na RMN (CLEMENTINO et al., 2009, p. 26).

Cabe mencionar que na RMN a indústria têxtil é atualmente responsável por mais de 50% dos empregos gerados na indústria de transformação, seguida da indústria alimentícia, com aproximadamente 17% dos postos de trabalho, o que denota significativa superioridade do setor têxtil na criação de empregos formais.

Observa-se, nesse caso, o peso do setor tradicional, notadamente o têxtil, nas atividades econômicas da RM em estudo. Contudo, nas atividades ligadas ao setor de serviços se encontra a maior representatividade nessa região, principalmente pelo impulso das atividades ligadas ao turismo e pelo espaço acentuadamente elevado que os serviços têm ganhado nos últimos anos na economia brasileira. Tal fenômeno se reflete na RMN a partir da geração de empregos e renda para a economia.

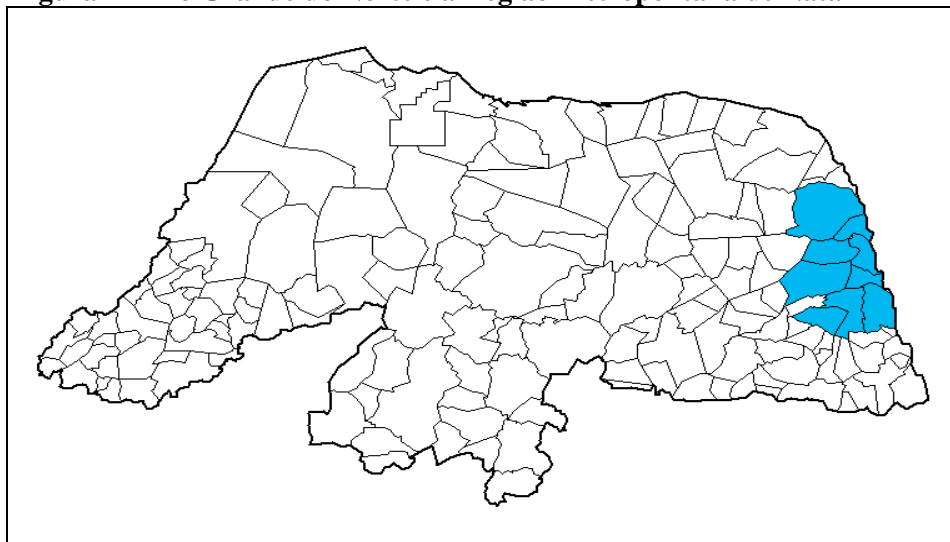
Para fins deste estudo o setor aqui analisado é a indústria de transformação, na qual se constatou relativa concentração produtiva no setor têxtil e alimentício no ano de 2008. O mesmo setor também demonstrou significativa importância na economia potiguar e em especial na da Grande Natal.

4. ÁREA DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS

O presente estudo foi realizado na RMN, criada em 1997 pela Lei Complementar Estadual 152, de 16 de janeiro de 1997. Sua população estimada em 2009 foi de 1.510.557 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2009). A RMN é atualmente a quarta maior RM do Nordeste brasileiro. Observe-se que, inicialmente, a RMN era formada pelos

municípios de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, Ceará-Mirim, Extremoz, Macaíba, Nísia Floresta, Parnamirim, São Gonçalo do Amarante e São José do Mipibu, tendo sido, a partir de 2002, incluído o município de Monte Alegre (ver figura 1).

Figura – 1 Rio Grande do Norte e a Região Metropolitana de Natal



Fonte: mapa adaptado a partir do Atlas do Desenvolvimento Humano da PNUD.

A RMN conta com uma área de 2.719.574 Km² e densidade demográfica de 492,47 hab/Km². O PIB é de R\$ 11.659.135,00 (IBGE, 2007) e o PIB per capita de R\$ 9.006,98 (IBGE, 2007). Essa região corresponde a 5,16% do território do Rio Grande do Norte, concentra 49% da população do Estado, e é responsável por 48% do PIB estadual (IBGE, 2007).

A partir do contexto aqui apresentado, o presente artigo tem como objetivo analisar a dinâmica da indústria e o perfil do trabalhador industrial da RMN. Para tanto, foram utilizados dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do trabalho e do Emprego (MTE), para os anos de 1998 e 2008, que mostram a dinâmica desse setor no espaço de uma década. As variáveis utilizadas foram as que se seguem: número de estabelecimentos formais na Região Metropolitana de Natal em 1998 e 2008; evolução do emprego formal por ramo de atividade econômica, por tamanho estabelecimento, por sexo, por faixa etária, por grau de instrução, por tempo de serviço, por faixa de remuneração e por média salarial.

A partir da tabulação dessas variáveis, parte-se para a análise de dados concomitante com a literatura utilizada para discutir o emprego formal recente na economia brasileira, notadamente na RMN. Os dados serão apresentados em tabelas seguidas de suas respectivas análises.



5. PERFIL DA INDÚSTRIA NA REGIÃO METROPOLITANA DE NATAL – 1998/2008

No contexto utilizado para este estudo, faz-se necessário analisar a evolução do número de estabelecimentos industriais da RMN nos anos de 1998 e 2008, conforme tabela 1. Os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE) apresentam taxa de crescimento do número de estabelecimentos industriais de 59,36% em dez anos (1998/2008). Dessa forma, a RMN segue a tendência observada em todas as Regiões Metropolitanas do Nordeste, uma vez que, segundo Nunes (2008), o processo de aglomeração urbana pode beneficiar o processo de atração de indústrias e dinamizar o emprego formal. No entanto, acrescenta o autor, paralelo a isso ocorrem também problemas de ordens sociais bastante relevantes.

Tabela 1: Número de estabelecimentos formais na Região Metropolitana de Natal – 1998/2008

REGIÃO	1998	2008	Variação (%) 1998/2008
Região Metropolitana de Natal	1.036	1.651	59,36

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS/MTE.

Cabe destacar que o processo de ocupação de atividades produtivas industriais tem apresentado taxas de crescimento positivas para todos os estados do Nordeste, alguns com mais intensidade que outros. No caso em tela, a RMN aumenta de 1.036 estabelecimentos em 1998 para 1.651 em 2008. Conforme constatado em Nunes (2008), embora haja dinâmica diferenciada nas Regiões Metropolitanas do Nordeste, elas tendem expressivamente a formar aglomerados industriais superiores aos de outras cidades de porte semelhante localizadas no interior.

Os dados da tabela 2 contêm o número de empregos formais, por ramo de atividade econômica na Região Metropolitana de Natal. A partir deles, percebe-se que o setor a apresentar maiores taxas de crescimento foi o do comércio, com 137,39%, seguido da agropecuária, com 95,62%. A indústria, objeto deste estudo, teve crescimento de 82,89% em dez anos e era responsável por 27.755 (13,95%) empregos formais na RMN em 1998, número que subiu para 50.760 (15,09%) em 2008. Em termos nominais, tal atividade quase dobrou o número de empregos em 10 anos. Contudo, cabe destacar que na atividade industrial tem sido constatada a precarização no emprego formal em todo o Nordeste (SILVA FILHO & QUIEROZ, 2009; NUNES, 2008; ARRAES et al., 2008; GONÇALVES et al., 2008; SILVA FILHO et al., 2009). A indústria, embora geradora de empregos nas metrópoles nordestinas, tem se constituído essencialmente de postos de trabalho com alto nível de flexibilidade e salário muito baixo, em sua maioria.

Tabela 2: Evolução do emprego formal por ramo de atividade econômica Região Metropolitana de Natal – 1998/2008

Região Metropolitana de Natal					
Ramo de atividade	1998	%	2008	%	Variação %
Indústria	27.755	13,95	50.760	15,09	82,89
Construção civil	10.748	5,4	18.721	5,57	74,18
Comércio	24.955	12,54	59.240	17,62	137,39
Serviços	133.280	66,97	203.238	60,44	52,49
Agropecuária	2.213	1,11	4.329	1,29	95,62
Outros/ignorado	58	0,03	0	0	-100
Total	199.009	100	336.288	100	68,98

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS/MTE.

O comércio que empregava 24.955 trabalhadores (12,54%) em 1998, elevou-os, em número absoluto, para 59.240, correspondentes a 17,62% da mão de obra formal da Grande Natal em 2008. Já os serviços, apesar de ostentar a menor taxa de crescimento (52,49%) em dez anos, continuam sendo o setor que mais oferece postos de trabalho: em 1998 empregava 66,97% de mão de obra formal na RMN, mas em 2008 a reduz para 60,44%, aproximadamente 3/5 dos postos de trabalho da Grande Natal. Em números absolutos, o comércio evolui de 133.280 em 1998 para 203.138 em 2008. Cabe destacar que, nesse setor, segundo Santos & Moreira (2006), há um percentual bastante elevado de ocupados com baixa qualificação, os quais perdem empregos em outras atividades que, em sua maioria, aceitam operários não necessariamente providos de elevado nível de instrução.

Faz-se necessário ressaltar que a agropecuária apresentou destaque na geração de postos de trabalho na Grande Natal. Em 1998, o setor empregava 2.213 trabalhadores, o equivalente a 1,11% da mão de obra formal. Em 2008, esse número evolui para 4.329, isto é, 1,29% dos empregados formais, dados que revelam uma taxa de crescimento de 95,62% de 1998 para 2008. Em trabalhos realizados por Silva Filho et al, (2009), foi constatado um aumento significativo de postos de trabalho nesse setor de 1998 para 2008 em todo o Rio Grande do Norte. Todavia, também foi constatado um elevado percentual de trabalhadores que auferem rendimentos inferiores a 2 SM.

Por sua vez, a construção civil aumentou sua participação na geração de empregos formais, elevando-se de 10.748 (5,40%) em 1998 para 18.721 (5,57%) em 2008. A taxa de crescimento foi de 74,15% entre 1998 e 2008.

Os dados da tabela 3 contêm a evolução do emprego formal pelos subsetores da indústria na RMN. Conforme esses dados, a indústria têxtil é responsável por mais da metade dos empregos formais da indústria, da Grande Natal, que, em 1998, empregava 13.761 (49,58%) trabalhadores formais, elevando-os, em 2008, para 26.116 (51,49%) dos postos de trabalho. Em 10 anos, a taxa de



crescimento foi de 89,78% nesse setor que, embora com taxa menor que outras atividades, é o que mais emprega formalmente na RMN. Semelhante fato ocorre na capital cearense que em 2006 empregava 35,37% da mão de obra formal da indústria (SILVA FILHO & QUEIROZ, 2009).

Tabela 3: Evolução do emprego formal na por ramo de atividades (subsetores - IBGE) Região Metropolitana de Natal – 1998/2008.

Subsetores - IBGE	Região Metropolitana de Natal				
	1998	%	2008	%	Variação %
Extrativa mineral	922	3,32	1.319	2,6	43,06
Minerais não metálicos	1.134	4,09	1.561	3,08	37,65
Indústria metalúrgica	406	1,46	968	1,91	138,42
Indústria Mecânica	460	1,66	669	1,32	45,43
Elétrico e comunicação	61	0,22	159	0,31	160,66
Material de transporte	64	0,23	152	0,3	137,5
Madeira e mobiliário	696	2,51	1.284	2,53	84,48
Papel e gráfica	1.011	3,64	1.558	3,07	54,1
Borracha, fumo, couros	499	1,8	507	1	1,6
Indústria química	565	2,04	1.395	2,75	146,9
Indústria têxtil	13.761	49,58	26.116	51,45	89,78
Indústria de calçados	471	1,7	614	1,21	30,36
Alimentos e bebidas	5.358	19,3	8.593	16,93	60,38
Serviços de utilidade pública	2.347	8,46	5.865	11,55	149,89
Total	27.755	100	50.760	100	82,89

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS/MTE.

Em 2º lugar, no ranking da geração de empregos, destaca-se a indústria de alimentos e bebidas, com 5.358 (19,30%) em 1998, aumentando em termos absolutos para 8.593, reduzindo-se percentualmente para 16,93 no ano de 2008. Cabe destacar que a taxa de crescimento dessa atividade industrial foi de 60,38 entre 1998 e 2008. Com os dados aqui apresentados, pode-se constatar que o destaque em termos percentuais foi da indústria de serviços de utilidade pública, que empregava 8,46% da mão de obra formal metropolitana em 1998, passando a 11,55% no ano de 2008. Foi a segunda maior taxa de crescimento em dez anos (149,89%), ficando somente atrás da indústria de material elétrico e de comunicações (160,66%).

A indústria química também aumentou significativamente: cresce, em 1998, de 565 (2,04%) para 1.395 (2,75%) em 2008. Sua taxa de crescimento foi a 3ª do ranking (146,90%), fenômeno ligado às atividades produtivas impulsionadas pela extração de petróleo no Estado.

Os dados da tabela 4 referem-se ao número de trabalhadores formais na indústria por tamanho do estabelecimento. Por esses dados percebe-se que o microestabelecimento industrial em Natal empregava, em 1998, 12,21% da PEA industrial; em 2008, tal percentual eleva-se, somente,

para 13,35%. A pequena indústria move-se de 21,73% em 1998 para 16,45% em 2008, movimento contrário ao da microindústria. O médio estabelecimento industrial também apresenta redução percentual, uma vez que, em 1998, era detentora de 21,57% da mão de obra formal, a qual se reduz para 18,12% em 2008.

Tabela 4: Distribuição do emprego formal, por tamanho do estabelecimento, Região Metropolitana de Natal – 1998/2008

Tamanho do Estabelecimento	1998		2008		Variação%
	Absolutos	%	Absolutos	%	
Micro (1 a 19)	3.944	12,21	6.778	13,35	209,94
Pequena (20 a 99)	6.030	21,73	8.350	16,45	77,25
Média (100 a 499)	5.988	21,57	9.197	18,12	126,38
Grande (acima de 499)	11.793	42,49	26.435	52,08	194,49
Total	27755	100	50760	100	82,89

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS/MTE.

Para o grande estabelecimento industrial, os dados mostram que houve aumento considerável, em termos absolutos e percentuais, do número de seus ocupados. Em 1998, a grande indústria empregava 42,49% da PEA industrial da Grande Natal e, em 2008, passa a empregar 52,08%, mais da metade dos empregos da espécie. Tal tendência pode provir de indústrias intensivas em mão de obra, como a têxtil, com mais de 50% dos postos de trabalho industrial na RMN (ver tabela 3) e, nesse caso, elas são, na maioria das vezes, indústrias de grande porte.

6. PERFIL DO TRABALHADOR FORMAL DA INDÚSTRIA NA REGIÃO METROPOLITANA DE NATAL – 1998/2008

Na tabela 5, estão os dados referentes ao número de empregos formais na indústria, segundo o sexo. Eles mostram que a mão de obra masculina era predominante tanto em 1998 quanto em 2008. Em 1998, dos 27.755 trabalhadores industriais da Grande Natal, 17.819 (64,20%) eram do sexo masculino e somente 9.936 (35,80%) do sexo feminino. Em 2008, a participação da População Economicamente Ativa (PEA) industrial masculina apresenta leve redução percentual, a saber: dos 50.760 empregos formais da RMN 31.706 (62,46%) são ocupados por homens e 19.054 (37,54%) por mulheres.

Embora a taxa de crescimento da participação da mulher no emprego industrial na Grande Natal tenha sido superior à dos homens, elas ainda ocupam um espaço bem inferior ao dos homens na indústria da RMN. Isso ocorre, de acordo com Dedecca (2009), pelo fato de as mulheres serem responsáveis, em sua maioria, pelo trabalho de reprodução social, essencialmente, como também terem trajetória de discriminação no mercado de trabalho, pela força física inferior à dos homens



e/ou pela necessidade de ausentar-se em períodos de licença maternidade. Já Leone (2003) acredita que, embora as mulheres sejam minoria no mercado de trabalho formal, o aumento da participação feminina já revela uma tendência de melhoria de oportunidades, uma vez que as mulheres têm necessidade de aumentar sua participação na população ocupada, seja para complementar a renda familiar, seja pelo fato de, em alguns casos, elas serem chefes de famílias diante da ausência paterna.

Tabela 5: Número de empregados formais, segundo o gênero, na Região Metropolitana de Natal em 1998 e em 2008

Sexo	Região Metropolitana de Natal				
	1998	%	2008	%	Variação%
Masculino	17.819	64,20	31.706	62,46	77,93
Feminino	9.936	35,8	19.054	37,54	91,77
Total	27.755	100	50.760	100	82,89

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS/MTE.

Os dados da tabela 6 referem-se ao total de empregos formais por faixa etária na RMN, nos anos de 1998 e 2008. Pode-se ver um aumento absoluto no total de trabalhadores com até 17 anos, sendo que, em 1998, 209 (0,75%) postos de trabalho eram ocupados por jovens dessa idade, os quais passaram, em 2008, para 271 (0,53%). Os que estavam na faixa etária entre 18 e 24 anos permaneceram ocupando o segundo lugar no ranking das faixas que mais ocupavam postos de trabalho na Grande Natal. Em 1998, eles ocupavam 6.990 (25,18%) e, em 2008, passam a ocupar 11.118 (21,90%), ou seja, aumento absoluto e redução percentual.

Tabela 6: Total de empregados formais por faixa etária na Região Metropolitana de Natal – 1998/2008

Idade	Região Metropolitana de Natal				
	1998	%	2008	%	Variação %
Até 17 anos	209	0,75	271	0,53	29,67
18 a 4 anos	6.990	25,18	11.118	21,9	59,06
25 a 29 anos	5.596	20,16	10.321	20,33	84,44
30 a 39 anos	9.310	33,54	14.705	28,97	57,95
40 a 49 anos	4.171	15,03	9.962	19,63	138,84
50 a 64 anos	1.395	5,03	4.250	8,37	204,66
65 ou mais	68	0,25	132	0,26	94,12
Ignorado	16	0,06	1	0	-93,75
Total	27.755	100	50.760	100	82,89

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS/MTE.

Embora os que estejam entre 25 e 29 anos permaneçam praticamente com o mesmo percentual (20,16 e 20,33 em 1998 e em 2008, respectivamente), cabe destacar que nessa faixa existe percentual considerável de mão de obra formal na indústria da RMN. Quadros (2009), em pesquisa realizada em nível nacional, considera esse baixo percentual, ou mesmo redução no caso da RMN nas duas primeiras faixas, como agravamento do problema de desemprego juvenil e de adultos jovens enfrentado em todo o país.

A faixa etária que o setor sob consideração mais emprega é a dos que estão entre 30 e 39 anos, embora com redução percentual. Em 1998, dos 27.755 trabalhadores industriais, 9.310 (33,54%) estavam nessa faixa, e, em 2008, eles aumentaram em termos absolutos para 14.705 e reduziram percentualmente para 25,97. Mesmo assim, esta continua sendo a faixa de idade dos trabalhadores que ocupam mais postos de trabalho na Grande Natal. Essa tendência ocorre em todo o país, visto que em muitos casos, os trabalhadores nessa faixa são chefes de famílias e têm maior necessidade de permanecer na ativa mesmo sob condições de trabalho extremamente precárias.

Os dados ainda mostram que as maiores taxas de crescimento ocorreram para as faixas de idade entre 40 e 49 anos (138,84%) e entre 50 e 64 (204,66%), sendo que a primeira faixa em 1998 representava 15,03% da mão de obra formal na indústria da RMN e, em 2008, a 19,63%. Os que tinham entre 50 e 64 anos, em 1998, eram 5,03%, elevando-se para 8,37% em 2008.

Tabela 7: Total de empregados formais, segundo grau de instrução - Região Metropolitana de Natal – 1998/2008

Grau de instrução	Região Metropolitana de Natal				
	1998	%	2008	%	VAR%
Analfabeto	757	2,73	296	0,58	-60,9
Até 5º ano incompleto	2.471	8,9	2.302	4,54	-6,84
5º ano completo do fundamental	3.228	11,63	3.610	7,11	11,83
6º ao 9º Fundamental	6.943	25,02	7.338	14,46	5,69
Fundamental completo	5.170	18,63	7.390	14,56	42,94
Médio incompleto	2.939	10,59	7.714	15,2	162,47
Médio completo	5.108	18,4	18.995	37,42	271,87
Superior Incompleto	370	1,33	928	1,83	150,81
Superior Completo	753	2,71	2.178	4,29	189,24
Mestrado	16	0,06	8	0,02	-50
Doutorado	0	0	1	0	0
Total	27.755	100	50.760	100	82,89

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS/MTE.

Conforme os dados da tabela 7, o grau de instrução dos trabalhadores formais da indústria na Grande Natal estava assim distribuído: em 1998, 757 (2,73%) trabalhadores eram analfabetos e,



em 2008, esse número se reduz para 296 (0,58%), com taxa de crescimento negativa correspondente a 60,90%. Da mesma forma, os que tinham até o 5º ano do ensino fundamental incompleto, eram em 1998 2.471 (8,90%) e em 2008 2.302 (4,54%), com crescimento negativo de -6,84%. Por um lado, essa redução de analfabetos na PEA industrial pode ser consequência dos programas de alfabetização, nos âmbitos federal, estadual e municipal, que vêm sendo implementados em todo o país. Por outro, essa redução também pode significar a perda de empregos por parte dessa mão de obra que não consegue melhorar o nível de instrução para atender as exigências do mercado.

Para a mão de obra que estava cursando o ensino fundamental do 5º ao 9º ano, os dados mostram redução percentual da participação deles na PEA industrial da Grande Natal. Em 1998, 36,65% se achavam nesse nível de escolaridade, que se reduz em 2008 para 21,57%. Para os que tinham ensino fundamental completo, a dinâmica foi a mesma, saindo de 5.170 (18,63%) em 1998 para 7.390 (14,56%) em 2008 (aumento absoluto e redução percentual). Os que possuíam o ensino médio incompleto aumentaram sua participação, em absoluto e em percentual, de 2.939 (10,59%) e 7.714 (15,20%) em 1998 e em 2008, respectivamente.

A força de trabalho na indústria da Grande Natal com ensino médio completo também se eleva na década aqui estudada. Em 1998, 5.108 (18,40%) estavam com esse grau de instrução, elevando-se substancialmente para 18.995 (37,42%) em 2008. O número dos trabalhadores com ensino superior sai de 753 (2,71%) para 2.178 (4,29%), em 1998 e em 2008, respectivamente. Com base nesses dados pode-se observar que a indústria da Grande Natal emprega mais pessoas com ensino médio completo, e que também esse foi o nível de instrução que apresentou a maior taxa de crescimento no período analisado (271,87%).

Quanto à rotatividade da mão de obra industrial da RMN, os dados da tabela 8 mostram que, em 1998, 10.946 (39,44%) trabalhadores permaneceram em seus postos de trabalho por menos de 1 ano, e, em 2008, esse número aumenta, em termos absolutos e reduz percentualmente, para 15.166 (29,88%), sendo considerado alto o nível de rotatividade. Essa tendência de flexibilização e elevado nível de rotatividade da mão de obra formal no Brasil, nesse caso da RMN, já fora constatado em pesquisas realizadas por Pochmann (1999 e 2009), Dedecca (2009), Moretto et al. (2003), Baltar (2003), dentre outros. Segundo os dados, a elevação do número dos que ficavam mais de 1 ano e menos de 3 anos, em termos absolutos e percentuais foi de 8.451 (30,45%) em 1998, para 17.169 (33,82%) em 2008. Assim, pode-se afirmar a ausência do emprego duradouro na indústria da Grande Natal.

Bons resultados ocorreram para os que ficaram de 3 a menos de 5 anos. Eles tiveram aumento considerável em uma década, saindo de 5.194 (18,71%) para 13.817 (27,22%) em 1998 e

em 2008, respectivamente. Para os que permaneceram por mais de 5 anos, os dados mostram redução percentual e aumento absoluto, assim: saem de 3.161 (11,39%) em 1998 para 4.605 (9,07%) em 2008.

Tabela 8: Distribuição dos trabalhadores formais, segundo tempo de serviço - Região Metropolitana de Natal – 1998/2008

Tempo de trabalho	Região Metropolitana de Natal				
	1998	%	2008	%	VAR%
Menos de 01 ano	10.946	39,44	15.166	29,88	38,55
01 a menos de 03 anos	8.451	30,45	17.169	33,82	103,16
03 a menos de 05 anos	5.194	18,71	13.817	27,22	166,02
05 ou mais anos	3.161	11,39	4.605	9,07	45,68
Ignorado	3	0,01	3	0,01	0
Total	27.755	100	50.760	100	82,89

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS/MTE.

A faixa de remuneração dos trabalhadores formais da indústria na RMN está exposta na tabela 9. A partir desses dados, percebe-se que, para os que ganhavam até 1 salário mínimo, registrou-se crescimento de 232,12%, evoluindo de 870 (3,13%) em 1998, para 2.890 (5,69%) em 2008. Esses dados ratificam a tendência da precarização do emprego no Brasil, conforme citam Pochmann (1999) e Neves & Pedrosa (2007), dentre outros.

Tabela 9: Total de empregados formais, segundo faixa de remuneração, Região Metropolitana de Natal – 1998/2008

Faixa de Remuneração	Região Metropolitana de Natal				
	1998	%	2008	%	VAR%
Até 01 SM	870	3,13	2.890	5,69	232,18
Mais de 01 a 02 SM	17.290	62,3	37.485	73,85	116,8
Mais de 02 a 05 SM	6.151	22,16	6.671	13,14	8,45
Mais de 05 a 10 SM	2.086	7,52	1.735	3,42	-16,83
Mais de 10 a 20 SM	935	3,37	831	1,64	-11,12
Mais de 20 SM	369	1,33	639	1,26	73,17
Ignorado	54	0,19	509	1	842,59
Total	27.755	100	50.760	100	82,89

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS/MTE.

Segundo os dados, para a faixa de salários de mais de 1 e até 2 SM, os dois períodos aqui analisados confirmam a má remuneração do trabalhador industrial da Grande Natal. Em 1998,



17.290(62,30%) ganhavam até à faixa citada, e, em 2008, estes mais que triplicaram em termos absolutos e aumentaram também em termos percentuais para 37.485 (73,85%) da PEA industrial da RMN. Para os que ganhavam de mais de 2 a 5 SM, os dados revelam um pequeno aumento em números absolutos: de 6.151 para 6.671, e redução percentual acentuada de 22,16% para 13,14% em 1998 e 2008, respectivamente.

Para os que recebiam mais de 5 a 10 e mais de 10 a 20 SM, ocorreu redução em números absolutos e em percentuais. Entretanto, para os que recebiam mais de 20 SM, houve aumento em números absolutos, de 396 para 639, e redução percentual de 1,33% para 1,26%, em 1998 e em 2008, respectivamente. Nessa faixa estão, certamente, os altos executivos das indústrias da RMN, e, nesse caso, percebe-se que a participação deles é muito pequena no total de trabalhadores, sendo que, em 2008, dos 50.766, somente 639 recebiam acima de 20 SM, e a maioria até 2 SM.

Na tabela 10, é possível constatar a dinâmica na média salarial da mão de obra formal na indústria de transformação da Grande Natal. A partir das informações, constata-se redução na média salarial em quase todos os setores, com exceção da indústria extrativa mineral e da indústria metalúrgica. Acrescente-se que, na extrativa mineral, a variação foi significativamente elevada: em 1998, a média salarial desse setor foi de 3,94 SM, elevando-se em 2008 para 21,41 SM.

Tabela 10: Remuneração média na Indústria de Transformação – Região Metropolitana de Natal – 1998/2008

Setor	Salários Médios		
	1998	2008	Variação %
Extrativa mineral	3,94	21,41	443,74
Minerais não metálicos	1,67	1,39	-17,05
Indústria metalúrgica	1,87	1,89	1,49
Indústria mecânica	3,72	2,37	-36,44
Elétricos e comunicação	2,86	2,25	-21,38
Materiais e transportes	2,10	1,80	-14,16
Madeira e mobiliário	1,88	1,60	-15,15
Papel e gráfica	3,74	2,21	-41,02
Borracha, fumo e couro	3,20	1,81	-43,45
Indústria química	2,12	1,90	-10,27
Indústria têxtil	2,27	1,72	-24,14
Indústria de calçados	2,66	2,33	-12,30
Alimentos e bebidas	2,46	1,61	-34,33
Serviços de utilidade pública	10,20	3,69	-63,79
Total	3,09	2,47	-20,05

Fonte: Elaborado pelos autores a partir d dados da RAIS/MTE

Os dados confirmam ainda a maior variação negativa para os serviços industriais de utilidade pública, com variação de -63,79%, visto que a remuneração média, que era de 10,20 SM em 1998, reduz-se para 3,69 SM em 2008. Destaque-se ainda que a menor remuneração média ocorreu na indústria de minerais não metálicos: 1,39 SM em 2008.

Tabela 11: Remuneração média na indústria segundo o nível de escolaridade – Região Metropolitana de Natal – 1998/2008

Nível de escolaridade	Salários Médios		
	1.998	2008	Variação %
Analfabeto	1,97	1,22	-38,42
4ª série incompleta	2,04	1,35	-33,49
4ª série completa	2,11	1,65	-21,90
8ª série incompleta	2,07	1,53	-26,16
8ª série completa	2,20	1,64	-25,77
2º grau incompleto	2,34	1,57	-32,70
2º grau completo	4,56	2,22	-51,32
Superior incompleto	7,83	5,15	-34,15
Superior completo	18,02	15,31	-15,07
Mestrado	0,00	24,54	0,00
Doutorado	0,00	0,00	0,00
Ignorado	4,75	0,00	-100,00
Total	3,09	2,47	-20,05

Fonte: Elaborado pelos autores a partir d dados da RAIS/MTE

Os dados da tabela 11 permitem fazer uma análise com mais rigor da dinâmica do salário médio do trabalhador formal na indústria na Grande Natal, do ponto de vista da escolaridade. A partir dos dados, observa-se que houve redução na média salarial para a força de trabalho independentemente do seu nível educacional. A novidade no ano de 2008 é que foi constatada a presença do trabalhador formal na indústria da RMN com nível de mestrado, evidentemente, o nível com maior média salarial observada no ano.

A maior redução na média salarial da indústria foi registrada para a mão de obra com ensino médio completo, que recebia em média 4,56 SM em 1998 e passou a receber em média 2,22 SM em 2008, registrando variação de -51,32 SM. Acrescente-se, ainda, que a força de trabalho analfabeta apresentou a menor média salarial em 2008 e a segunda maior variação negativa (-38,42), o que lhes conferiu remuneração média de 1,22 SM no ano citado.

Em suma, observa-se que, no período analisado, a dinâmica na média salarial da força de trabalho industrial da Grande Natal foi a mesma para todos os níveis de escolaridade, diferenciando-se, no entanto, apenas a intensidade com que os trabalhadores viram seu rendimento médio se reduzir ao longo desses anos.



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo investigar o perfil da indústria e do emprego formal na Região Metropolitana de Natal. Os dados da RAIS/MTE mostram que houve aumento significativo no número de indústrias na Grande Natal no período analisado (1998/2008) com taxa de crescimento de 59,36% em dez anos, saindo de 1.036 em 1998 para 1.651 em 2008. Esse setor era responsável por 15,09% e um total de 50.760 empregos no ano de 2008, atrás do comércio com 59.240 (17,62%) e dos serviços com 203.238 (60,44%) dos empregos formais da Grande Natal no ano já referenciado.

Dentro do setor industrial, o segmento que mais empregava era a indústria têxtil, que, em 2008, absorvia 51,54% da força de trabalho, seguida pela indústria de alimentos e bebidas com 16,93%, e da indústria de serviços de utilidade pública com 15,55% da mão de obra formal da RMN. Cabe também destacar que 52,08% dessa mão de obra estavam na grande indústria e, na microindústria estavam somente 13,35% da força de trabalho contratada no ano de 2008. O fato de o setor têxtil empregar mais de 50% dos ocupados e de essas indústrias serem em sua maioria de grande porte, explica o alto percentual de trabalhadores no grande estabelecimento industrial.

No que se refere ao perfil do trabalhador, observou-se que 62,46% da PEA industrial da RMN era masculina e 37,54% feminina, como também 28,97% da força de trabalho na indústria estava entre a faixa de 30 e 39 anos de idade, sendo essa a faixa etária que mais empregava, seguida dos que tinham entre 18 e 24 anos (21,90%) no ano de 2008. Porém, a faixa etária que apresentou a maior taxa de crescimento foi a dos que tinham entre 50 e 64 anos (206,66%), seguida dos que tinham entre 40 e 49 anos (138,84%). A menor taxa de crescimento relevante observada foi a da mão de obra com até 17 anos (29,67%).

Quanto ao grau de instrução, observou-se aumento considerável na escolaridade, a saber: 37,42% estavam com o ensino médio completo e 4,29% com curso superior no ano de 2008. Entretanto, a rotatividade no trabalho mostrou-se elevada, uma vez que 29,88% da PEA industrial perdiam seus empregos em menos de 1 ano e 33,82% não chegavam a permanecer por 3 anos em seu postos de trabalho. Observou-se também, que aproximadamente 74% da força de trabalho da indústria na Grande Natal auferiam rendimentos entre 1 e 2 Salários Mínimos, sendo que 5,69% dos trabalhadores industriais ganhavam até 1 SM em 2008.

Vale acrescentar que foi registrada redução significativa na média salarial do trabalhador nos anos aqui comparados. Somente na extrativa mineral e na indústria metalúrgica foi registrado aumento da média salarial, sendo que os demais setores apresentaram redução significativamente

elevada. E, nesse contexto, nem mesmo o nível educacional foi suficiente para reter a queda do salário médio; pelo contrário, as maiores taxas de crescimento negativo se deram exatamente no salário médio da mão de obra com melhor nível de escolaridade.

Nessa conjuntura, cabe a urgência de implementação de políticas no mercado de trabalho potiguar que visem à expansão industrial com maior participação da força de trabalho no produto da economia. E, dessa forma, o investimento em qualificação e melhoria educacional, deve servir como incremento para a redução da rotatividade e melhora salarial do trabalhador.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 10ª ed. São Paulo: Cortez, Campinas, SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

ARRAES, A. K. M.; QUEIROZ, S. N.; ALVES, C. L. B.. Mercado de trabalho formal na indústria: comparativo entre as regiões Nordeste e Sudeste nos anos de 1994 e 2004. Anais do II Encontro Internacional Trabalho e Formação de Trabalhadores. Fortaleza: LABOR/UFC, 2008.

BALTAR, P. E. de A.. Estrutura econômica e emprego urbano na década de 1990. In: Trabalho, mercado e sociedade. O Brasil nos anos 90. In: PRONI, M. W.; HENRIQUE, W. (org). – São Paulo: editora UNESP, Campinas, São Paulo: Instituto de Economia da UNICAMP, 2003.

CLEMENTINO, M. do L. M.; PESSOA, Z. S.. Tipologia Socioespacial numa Metrópole em Formação: A RMNATAL. In: Natal: Uma metrópole em formação. In: CLEMENTINO, M. L. M.; PESSOA, Z. S. (org). EDUC; PUC – SP, 2009.

CLEMENTINO, M. do L. M.; SILVA, M. G.; PEREIRA, W. E. N.. Transformações Recentes na Economia da Região Metropolitana de Natal. In: Natal: Uma metrópole em formação. In: CLEMENTINO, M. L. M.; PESSOA, Z. S. (org). EDUC; PUC – SP, 2009.

DEDECCA, C. S.. Anos 90: a estabilidade com desigualdade. In: Trabalho, mercado e sociedade. O Brasil nos anos 90. PRONI, M. W.; HENRIQUE, W. (org). – São Paulo: editora UNESP, Campinas, São Paulo: Instituto de Economia da UNICAMP, 2003.

DEDECCA, C. S.. O Sistema Público de Emprego e a Estratégia de Desenvolvimento. In Emprego, Trabalho e Políticas Públicas. (org) Junior Macambira e Liana Maria da Frota Carleial, Fortaleza, 2009.

GONÇALVES, M. S.; QUEIROZ, S. N.; ALVES, C. L. B.. Industrialização cearense e os reflexos sobre o mercado de trabalho formal na indústria 1994 e 2002. In. Anais do X encontro Nacional de Estudos do Trabalho. ABET, Salvador 2007.

JATOBÁ, J.; ANDRADE, E. G. L.. Desregulamentação do Mercado e das Relações de Trabalho no Brasil: potencial e limitações. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, Texto para Discussão Nº 312, Brasília DF, Agosto de 1993.

LEONE, E. T.. O trabalho da mulher em Regiões Metropolitanas Brasileiras. In: Trabalho, mercado e sociedade. O Brasil nos anos 90. PRONI, M. W.; HENRIQUE, W. (org). – São Paulo: editora UNESP, Campinas, São Paulo: Instituto de Economia da UNICAMP, 2003.



MORETTO, A. J.; GIMENEZ, D. M.; PRONI, M. W.. Os descaminhos das políticas de emprego no Brasil. Trabalho, mercado e sociedade. O Brasil nos anos 90. PRONI, M. W.; HENRIQUE, W. (org) – São Paulo: editora UNESP, Campinas, São Paulo: Instituto de Economia da UNICAMP, 2003.

NEVES, M. A.; PEDROSA, C. M.. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. Sociedade e Estado, Brasília, v. 22, Nº 1, p. 11-34, Jan/ABR, 2007.

NUNES, W. E.. O crescimento do emprego formal nas Metrôpoles Nordestinas (1996/2003). In ANAIS do Seminário Brasileiro de Sociologia, 2008.

POCHMANN, M.. O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século – São Paulo: contexto, 1999.

POCHMANN, M.. Modernizar sem excluir. In Emprego, Trabalho e Políticas Públicas. (org) Junior Macambira e Liana Maria da Frota Carleial, Fortaleza, 2009.

QUADROS, V.J. de.. Perfil Social do Desemprego Recente. Texto para discussão nº 156. Campinas, IE/UNICAMP, 2009, 19 p.

SANTOS, L. M.; MOREIRA, I. T.. Condições do Mercado de Trabalho no setor de serviços no Nordeste. In Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais – ABEP. Caxambu – MG-Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.

SILVA FILHO, L. A.; SILVA, A. O. . F; SILVA, W. G; QUEIROZ, S. N; VALE, F. F. R. Dinâmica do emprego formal em Regiões Metropolitanas do Nordeste: estudo comparativo entre a Região Metropolitana de Fortaleza - CE e a Região Metropolitana da Salvador – BA em 1997 e 2007. In ANAIS do V Encontro de Economia do Ceará em Debate, Fortaleza – CE, Novembro de 2009.

SILVA FILHO, L. A.; QUEIROZ, S. N.. A trajetória da Indústria e do Emprego formal no Ceará 1996/2006. In Anais do XI Encontro Nacional de Estudos do Trabalho. ABET, Campinas – SP, 2009.

SILVA FILHO, L. A.; VALE, F. F. R; SILVA, V. P. Perfil da mão-de-obra formal na agropecuária nos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, nos anos de 1998 e 2008. In: ANAIS do IV Encontro SOBER regional Nordeste, Campina Grande – PB, Novembro de 2009.

Recebido em 04 de março de 2013

Aprovado em 22 de junho de 2014